

# Sarney conta detalhes críticos do seu governo

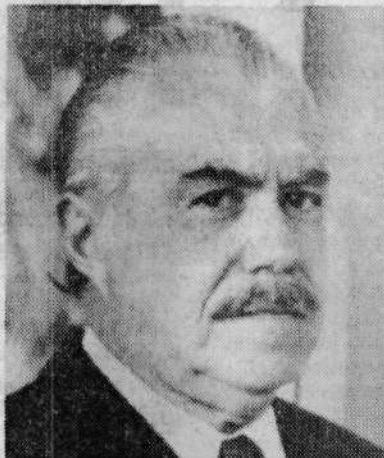
Mário Rosa

BRASÍLIA — Na noite da última quinta-feira, o presidente José Sarney era o personagem central das cenas finais de seu governo. A menos de duzentas horas de sair do Palácio do Planalto, ele trajava um sóbrio jaquetão cinza escuro e uma gravata verde de seda da *griffe* francesa Hermès. Com a ante-sala deserta e as gavetas de sua mesa já vazias, ele ocupava a cadeira ergométrica presidencial e preparava mais uma página de um livro de memórias, onde revelará momentos críticos do seu governo. Durante a semana, Sarney trocou o Landau com os brasões da Presidência por um opala de chapa amarela. E na noite de quinta, ao ver uma conversa interrompida duas vezes por um ajudante-de-ordens aflito com o encavalamento da agenda, Sarney fez que não ouviu. A portas fechadas, soltou apenas um comentário: "Eles pensam que eu ainda estou no poder, mas não vêem que tudo já terminou", disse.

Minutos depois, a conversa foi novamente atravessada, desta vez pelo ministro da Justiça, Saulo Ramos. "Preciso despachar algumas coisas urgentes", advertiu o ministro, entrando na sala sem bater na porta. "Falta apenas uma semana e você ainda fala em coisas urgentes", brincou o presidente. "O governo governará até o último dia", replicou Saulo, sorrindo. Com o tempo livre a partir da próxima quinta-feira, o presidente que sai poderá se dedicar a um de seus mais caros projetos: suas memórias. Aos amigos mais próximos, Sarney as oferece como alguém que degusta um vinho raro. Num dos trechos das 170 páginas que ele mesmo já datilografou, Sarney dirá que o empresário Dilson Funaro foi o melhor de seus sessenta ministros, mas que o economista e também ex-ministro João Sayad foi o verdadeiro pai do Plano Cruzado.

Sarney contará que seus primeiros momentos no poder ocorreram sob um clima de choro sofrido, rezas e velas acesas. "Eu estava no Palácio do Jaburu (residência oficial do vice na capital), na tarde do dia 21 de abril. Recebi uma visita do Mauro Salles (então assessor de Tancredo), dizendo-me que o presidente estava em seus últimos momentos e que eu teria de assumir. Na hora, minha reação foi chorar. Um choro fundo que só diminuiu quando minha mulher, Marly, chegou à sala e me levou para nosso quarto. Lá, ainda com lágrimas nos olhos, nós nos trançamos, acendemos velas e começamos a rezar e na minha cabeça vinha a indagação: por que eu, meu Deus?", narra o presidente.

**Plano Cruzado** — No capítulo



Sarney escreve memórias

em que trata de sua maior vitória política e de seu mais retumbante fracasso econômico, o Plano Cruzado, Sarney faz algumas revisões históricas. "Em junho de 1985, o Sayad me expôs sua teoria sobre a inflação inercial. Combinamos que iríamos mandar um técnico numa missão secreta a Israel, para levantar os detalhes do plano que estava sendo conduzido lá. De volta, o funcionário redigiu um longo relato e eu pedi que Sayad continuasse os estudos. O Dilson entrou no Ministério em agosto, mas somente em novembro eu lhe dei conta do que estávamos pensando. Portanto, o pai do Cruzado, de fato, foi o Sayad".

O Cruzado será um item extenso das memórias de Sarney, onde não faltará alfinetadas no que ele chama de ímpeto pessimista dos economistas. "Na ocasião, todos eles me disseram que o país ia mergulhar na mais profunda recessão e eu até lhes disse, ao assinar os decretos, que estava colocando minha cabeça na guilhotina", lembra. A ascensão e queda do Cruzado foi também a de Funaro, falecido no ano passado, vítima de um câncer nos gânglios linfáticos. Sarney reservará ao ex-amigo uma extensa homenagem. Dirá que ele foi seu melhor auxiliar no governo, por exemplo, e descreverá sua trajetória de saída do Ministério da Fazenda. "Ele era um homem fantástico", elogia Sarney.

**PMDB** — Para Sarney, Funaro cometeu um grave erro de avaliação ao buscar apoio para suas teses junto ao PMDB. Talvez movido pelos quase vinte anos em que combateu as trincheiras do PDS a oposição ao governo militar, Sarney ainda guarda o cacoete de se referir ao PMDB por sua sigla do passado. "O Dilson deveria ter se debruçado sobre a revisão do Cruzado, a nível técnico, mas ele foi buscar apoio no MDB, quando a única pessoa que poderia apoiá-lo era eu, o Presidente".

Sarney reservará espaço em seu relato também para a autocrítica. Mencionará, entre outras falhas, que só fez o Cruzado por que estava informado e convicto de que o déficit público fora controlado.

A balbúrdia em que se transformou a área econômica do governo com o fiasco do Cruzado será descrito por Sarney com casos concretos. Um deles é aquele em que o presidente lembra de uma reunião em que os assessores de Sayad e os de Funaro se digladiavam em torno de questões essenciais do ajuste do Plano. "A certa altura, interrompi a discussão e disse que não estava ali na posição de juiz para arbitrar quem estava com a razão. Disse-lhes que chegassem a um consenso e, só então, voltassem a mim", diz Sarney. O consenso apareceu, foi feito o plano Cruzado II, poucos dias depois das eleições de 1986 e Sarney começou a amargar a fase impopular que se encerra nesta quinta. "Foi o maior erro de minha gestão", define Sarney o Cruzado II.

**Picaretão** — Há momentos de seu livro que Sarney gostaria de publicar em páginas em branco. É o caso do *picaretão*, como ficou conhecida a manifestação ocorrida no Rio de Janeiro, em 1987, quando populares atingiram o ônibus em que se encontrava Sarney com pedras. "Ao chegar ao Rio naquele dia, tive um mal pressentimento mas não imaginei que tudo fosse terminar como terminou", lembra Sarney. "Com o colo cheio de cacos de vidro, fiz questão de ficar sentado em minha cadeira e até gritei com seguranças que insistiam para que saísse. Mas ali quem estava não era o Sarney, mas o Presidente da República".

Os detalhes das batalhas realmente sangrentas nos bastidores da Presidência serão guardados para o futuro. É o caso da CPI da corrupção, que segundo uma versão corrente teria articulado um golpe branco contra Sarney a partir do Senado Federal. "Eles queriam derrubar o governo, tomar o poder e direi como e quando", promete Sarney. Ele também nega que tenha se encontrado com Fernando Collor de Mello, durante o Carnaval, conforme confidências vazadas de seu círculo mais fechado de interlocutores. "Isso não aconteceu", diz. Quando na manhã da próxima quinta Sarney descer pela última vez o elevador privativo do Planalto para embarcar num voo para São Luiz, Brasília estará se despedindo dele. "Vou ficar em um sítio no interior do Maranhão" avisa